

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 312

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$100 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$100 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20% d'abatimento.

BRAGA — QUINTA-FEIRA 16 DE FEVEREIRO

O Parlamentarismo julgado em poucas palavras por um sabio francez

Na questão de reorganizar o exercito, o sr. Gambetta, em sua qualidade de antigo generalissimo dos exercitos francezes, interveio no debate sobre a lei dos quadros. Elle tem a sua opinião sobre o numero de companhias de cada batalhão, este general! Não quer, como o sr. Keller que a Assembleia n'estas questões de organização militar confie o negocio ao ministro da guerra. Em principio, o sr. Gambetta creê na competencia universal da Assembleia, ou antes da sua. Direito marinha, exercito, finanças, commercio, alfândegas, administração, instrução publica,—não ha nada que este homem passmoso não saiba, e sobre tudo, em que elle não possa fallar. O ser uma pessoa advogado para alguma coisa hade servir. O parlamentarismo é o triunfo do *advocacismo* (de *l'advocasserie*); elle permite ao sr. Gambetta fazer-se alternadamente juriscônsulto, general, financeiro, economista, professor, negociante, e sempre legislador. Eis aqui o milagre da palavra, o homem que falla de qualibet re, et de quibusdam aliis!

No fundo o sr. Gambetta tem razão. Dada a soberania do povo e da representação nacional, é bem necessario que a Assembleia seja universalmente competente. E' o absurdo da regimen parlamentar o suffragio universal escolhe como representante o primeiro que se lhe offerece como republicano ou realista, septennialista ou bonapartista. Este torna-se por isso mesmo tudo quanto se precisa para ser legislador soberano em todas as coisas: recebe uma vocação a universalidade da sciencia, igual á extensão do seu mandato. Ha gente que se admira em volta do sr. Gambetta, de o ouvir revindicar contra o sr. Keller a sua competencia e a da Assembleia na questão militar; o advogado demonstra facilmente a *simpleza* d'estas admirações lembrando á Assembleia que elle discutia e legislava todos os dias sobre todas as outras matérias que não pediam menos conhecimentos especiaes. E é verdade.

A aptidão para todas as funções está na theoria revolucionaria (em toda a theoria do moderno liberalismo, desde o mais moderado até ao mais exaltado); a do representante do povo é geral. Elle é a *autoridade* e a *lei*. O sistema da maioria substituiu o da razão. Para que servem homens competentes ou especiaes quando o numero é quem decide? A lei fazia-se outrora com o concurso ou conselho dos especialistas; faz-se hoje, ou é feita, por *tudo o mundo*. Legisla-se á pluralidade de votos. Mas será que se encontram quatro advogados contra tres generaes, ou tres negociantes contra dous sabios; os advogados decidirão da coisa militar, e os negociantes, da sciencia. Assim o quer o suffragio universal e a soberania do povo. E' o sistema que aos francezes deu um Gambetta para os defender contra a invasão prussiana; é o sistema que nos conserva na anarchia mais ou menos mansa, mais ou menos brava, mas sempre anarchia (vej. no «Univers» de 14 de janeiro o artigo assignado por Arthur Loth).

Como responder a isto?
A Logica é malcreada. Nem sequer tributa um pouquinho de respeito ás «convicções» (?) dos senhores liberaes!
A reacção!... É quem sabe se Jesuita, torzista, ou ultramontana, pelo menos!

Os avoengos historicos dos liberaes.

ESTUDOS Á CERCA DOS FARISEUS

IV—Os Fariseus e o Messias

[Continuação]

Uma voz, contudo, ousou elevar-se do seio do partido e formular um tímido protesto: «Não sa lei, assim fallou Nicodemus, permite ella condemnar um homem antes de o haver ouvido e de haver examinado os seus actos? Mas, se elles tivessem querido conscienciosamente cumprir esta condição elementar, sua opposição não teria encontrado nem a sombra d'um motivo serjo.

Nada prova melhor quanto sua cegueira era voluntaria do que a historia do cego de nascimento curado por Jesus, e de que S. João nos deixou uma narração ao mesmo tempo tão cheia de vida e de singella simplicidade.

Os Fariseus se tinham convencido, pela inquirição mais escrupulosa, da verdade do facto e de seu caracter sobrenatural. O milagre era claro, evidente; era forçoso reconhecer alguma coisa de divino n'aquelle que auctorizava sua missão por prodigios tão manifestos. E' assim que concluíam tanto o cego, objecto da bondade de Jesus, como os proprios seus parentes, a quem só o medo impediu de manifestar seu pensamento, em fim todos os Judeus que tinham a coragem de afrontar a ira dos Fariseus. Mas estes podiam elles render-se? Deviam elles confessar sua derrota? Houve effectivamente um momento de divisão no conselho do partido. Aquelles que não tinham podido conseguir calar todos os seus escrupulos, ou que, como Nicodemus, estavam intimamente persuadidos da divina missão de Jesus, ousaram ainda uma vez ariscar algumas observações em seu favor. Por outra parte, não achavam outra arguição a formular contra Jesus senão a violação d'uma observancia de instituição puramente farisaica.

Mas podiam elles insistir sobre uma igual accusação, de que o simples homsenso fazia justiça? O proprio Salvador lhes havia feito sentir muitas vezes o offenso d'uma interpretação, que, no dia de sabbado, permitia prover ás necessidades d'um animal e prohibia livrar de seus males um pobre enfermo.

O problema era urgente: a solução não se fez por muito tempo esperar. O orgulho, a inveja e os ruins instinctos do fariseismo tomaram o ascendente. A immensa maioria da seita era, já o vimos, determinada desde muito tempo a condemnar Jesus sem até o ouvir. Tornou a interrogar o cego curado, não já para se esclarecerem, mas para pilhar em suas palavras uma circumstancia, uma palavra, a qual abra um caminho por onde possam esquivar-se á evidencia. Entretanto a clareza singella e desesperadora das respostas, a coragem e nobre segurança com que este homem do povo confessa a verdade que os Fariseus não querem ouvir, fazem desatinar os interrogadores. Ao cabo de expedientes, elles rompem em maldições contra esta testemunha muito sincera e terminam por expulsá-la da synagoga. «Tu não eras senão peccado desde o instante do teu nascimento, exclamavam elles com furor, e mettes-te a ensinar-nos!» Com effeito, estes cegos voluntarios não tinham necessidade de serem instruidos: elles se debatiam em vão esforços para escapar á luz que brilhava a seus olhos. Assim, quando elles perguntaram pouco depois ao Salvador se elle os curava tambem a elles no numero d'esses cegos que queria allumiar, Jesus lhes respondeu: «Se fosseis cegos, não serieis culpados;

mas agora vós mesmos dizeis que vedes. Eis a razão pela qual vosso peccado subsiste.»

Não sómente este peccado subsistiu, elle foi crescendo para ser em breve levado até ao decido. No entanto, os Fariseus seguiam cada um dos passos do Homem-Deus, espreitando a occasião de o perderem e procurando em vão colher em seus actos um momento de fraqueza, uma irregularidade, que podesse fornecer-lhes um ponto de accusação embora pouco plausivel. Ao mesmo tempo elles falimstavam contra seus adherentes publicos a pena mais temida pelos Judeus, a excomunição, que os punha litteralmente separados da sociedade.

Se por estas perseguições elles não conseguiram reter o enthusiasmo da multidão, ao menos impediram que os chefes da nação se pronunciassem abertamente por Jesus. Elles eram numerosos, segundo o testifica S. João, aquelles que, crendo na verdade de sua doutrina, não se atreveram a confessar sua fé, e preferiram, segundo a expressão do evangelista, a honra humana á gloria de Deus. Sua covardia permitiu ao fariseismo continuar sua obra de odio e finalmente consummal-a pelo supplicio do Filho de Deus.

[Continúa]

Lisboa 15 de fevereiro

[Correspondencia particular]

Está discutido na camara dos deputados o orçamento da despeza ordinaria, e extraordinaria, e parte da receita, isto em duas ou tres sessões. E' uma maravilha. Hermano, ou os irmãos Davenport não o faziam melhor. Quem tem sido a victima é o pobre do secretario, que se assim continúa terá uma phthisica. O caso é digno de lastima, e mostra o que é o sistema constitucional entre nós.

Hoje continuará a discussão do orçamento da receita, com a mesma brevidade.

Parece que ainda esta semana entrará em discussão o projecto do caminho de ferro da Beira.

Espera-se o relatório do sr. ministro da guerra, ainda que ha alguém que assegure que não houvera relatório, mas sim propostas tendentes a aperfeiçoar certos serviços.

A imprensa começa a occupar-se dos trabalhos dos irmãos Davenport, os quaes vão hoje funcçãoar ao Gynnasio, onde darão, dizem elles, tres representações.

Hontem foram muito concorridos os sermões de Quaresma; em algumas egrejas havia povo até á porta.

Na igreja do Sacramento vae ser collocado no altar-mór um magnifico crucifixo de ebano, que tem Santo Christo de macho, os emblemas da paixão de prata, e os cravos de brilhantes. Estava abandonado a um dos depositos da irmandade do Santissimo. O concerto é feito á custa do rev.º prior. E' uma peça monumental.

Ha noticias de Macau, que referem o que já lhe disse: ter tomado posse do governo o sr. Lobo d'Avila, e ter sahido para a Europa o sr. visconde de S. Januario, sendo difficil a existencia economica da Colonia, por causa das muitas obras a executar para reparar os estragos do tufão.

Em S. Thomé ha socego, continuando, porém, os arbitrios do governador da provincia, embora alli reine a intriga em grande escala.

Está acabada a guerra dos Dembos em Angola, mas ha queixas contra o chefe do concelho, ás quaes o governador deve pôr cobro. Havia accusações sérias na correspondencia que no «Cruzeiro» pu-

blica um negociante, e se o governador geral se mostra indolente, não o deve ser o governo.

Tambem se fazem sérias accusações ao chefe do hospital militar em Loanda, pelo estado immundo em que o tem.

Em Bolama (Guiné portugueza), a camara municipal deu nome ás ruas da povoação, e a uma d'ellas poz-lhe o nome do sr. marquez d'Avila e Bolama, e a outra o do governador Barreto, que não obstante ser do paiz foi um homem intelligente e activo.

Dos trabalhos dos bispos de Angola e Cabo Verde nada vos posso dizer, porque nada sei. SS. exc.ªs etc.ªs julgo que entendem ser util a si e á Igreja não publicarem nenhum de seus actos. Parece-me que não fazem bem.

Julgo que o actual sr. Arcebispo de Goa na conversa que teve com alguém lhe mostrou que achava mesquinha a congrua do alto cargo que vae exercer. Não entro na questão se conviria ou não a elle fazer sentir ao governo a conveniencia de haver ali ordens religiosas para serviço da missão, mas o que é certo, é que elle com algum trabalho poderia estabelecer um seminario proprio para a missão do Oriente, pois que tendo outrora a diocese de Goa dois seminarios, Chorrão e Rachel, e sendo hoje reunidos n'um só poder se-hia levantar um com o fim de ordenar sacerdotes para as missões do padroado aos quaes se lhe desse um curso que não devia exceder a 4 annos entrando os preparatoris. Só com o actual seminario de Rachel nada fará.

Já estão dadas as ordens para se começar o reducto no Alto do Duque, extrema esquerda da linha de Lisboa junto ao rio de Algés, o reducto do Monte Cinto em Sacavem. Ainda não estão promptos os estudos. Para o reducto do Monte do Duque estão já auctorizados 32 contos de reis; creio porém que n'este mesmo as obras só começarão depois de março, para evitar menor trabalho nos desertos.

O prelado de Moçambique declarou aos seus fiéis que vae administrar o Christmas enquanto não vae fazer a visita da diocese.

Parece que sempre será nomeada uma comissão para de accordo com o governo, camara, e companhia das agoas, se obviar á escassez que possa haver em Lisboa por causa da estiagem que é temida no verão, visto não ter havido chuva.

O tempo hoje tem estado frio e humido; chuvejou de noite e pela manhã, mas pouco.

REVISTA ESTRANGEIRA

Do «Univers»:
S. João da Luz 7 de fevereiro, ás 7 h. e 2) m. da tarde.—Hontem, desembarcaram-se sobre as costas de Biscaya para os caelistas, 14 canhões, 4.000 armas e 300.000 cartuchos e objectos de guerra.

Do «Quintel Real»:
Estella 4, ás 11 h. e 15 m. da noite.—S. M. o rei entrou n'esta cidade esta tarde, e pouco depois foi ter ao parque de artilheria, aonde por b. siante tempo examinou os tres canhões Placencia (Krupp reformados) tomados ao inimigo na batalha de hontem. Mais tarde visitou os feridos do hospital das Mercês, correndo todas as salas.

O inimigo deixou em Lerca um grande numero de cadaveres sem os enterrar, e muitos feridos, aos quaes o primeiro tratamento não tinha ainda sido feito.

O rei dignou-se receber ás 8 horas a visita dos chefes inimigos que caíram prisioneiros no sanguinolento combate d'hontem.

E' por elles que soubemos que o corpo de exercito derrotado nos campos de Lacar e Lorca contava mais de 20:000 homens. A presa foi mais consideravel. Milhares de cartuchos, caixas cheias de projectis d'artilleria, 3 canhões, 22 machos, muitos uniformes, uma musica completa, muitas carretas, e reparos de artilleria, etc., etc.

Handaya 8 de fevereiro de 1875.—Os carlistas ganharam uma nova victoria na Guipuzcoa.

Loma, repellido ante-hontem diante de Andoain e Zirauz, operou a sua retirada sobre S. Sebastião.

Na batalha de Lacar, os carlistas tomaram 1.500 armas.

Lemos na «Democracia»:
«A derrota das tropas chamadas affonsinas foi monumental. Segundo uma carta particular de Madrid, que nos foi dada a ler, entre os affonsinos reina o maior terror. As tropas de Moriones quando foram a combater gritavam—«viva a republica.»—Diz-se que alguns officiaes foram depois fusilados por se terem associado a estas manifestações.

«A vinda do niño para Madrid, depois da sua gloriosa campanha é indicio que dá que seismar».

Lemos na «Republica»:
«Um amigo nosso, da mais plena confiança, communicou-nos hoje laconicamente, em carta de Madrid, as seguintes e importantes noticias:

«As noticias da guerra dão por mortos os generaes affonsinos: conde de Miraso, Bargés e Fajardo.

«O rei foi saogrado pelo dr. Corral. Perderam-se 6 canhões de Krup e ficou prisioneiro o regimento das Asturias, da divisão Rivera.

«Loma foi desbaratado.

«A divisão de Moriones completamente desimada.

«A guarnição de Madrid partiu para o Norte. O brigadeiro Sanchez surpreendido foi fusilado por Lizarraga em Daroca. O general Hidalgo foi desterrado. O povo ao despedir-se de Zorrilla, na estação do caminho de ferro deu alguns vivas á republica federal.

O correspondente da «Palavra» dá-nos uma descripção minuciosa das operações ultimamente effectuadas no Norte.

Não nos sendo possível transcrevela na integra, copiamos apenas os seguintes paragrafos:

Os mesmos carlistas confessam francamente nas laconicas partes que conhecemos, que não podem apreciar nem sequer aproximadamente, as perdas dos contrarios, limitando-se a dizer que são grandes em homens e material. Por outras vias, sabe-se tambem que é respeitavel o numero de mortos, de grande consideração o de prisioneiros e notabilissimas as perdas de material que se elevam a quatro canhões Krupp tomados pelos carlistas em Lacar, e milhares de espingardas abandonadas em todos os logares do combate, com outros petrechos, sendo de pequena monta as perdas dos carlistas aos quaes tudo dava vantagem.

O que todos confessam é que o corpo de exercito de Primo de Rivera não existe como tal, havendo regimentos como os de Asturias, Castella e caçadores d'Alcolea, de que apenas resta o nome, pois os que os compunham estão mortos, feridos ou prisioneiros, sendo portanto necessario proceder a uma completa reorganização do indicado corpo.

Do augmento da guerra no Centro falam as columnas carlistas que desafogadamente se movem e a inqualificavel surpresa de Daroca, sobre a qual as mentiras officiaes chegaram a um extremo inconcebivel. Segundo a «Gaceta», n'esta povoação, que só tem duas entradas, foram surpreendidos, por 3:000 carlistas, 160 homens de infantaria e 50 de cavallaria commandados pelo coronel Sancho, conseguindo evadir-se alguns e ficando os restantes mortos ou prisioneiros com seu chefe, porém depois conta-nos que só de cavallaria se salvaram 87 homens, isto é mais 37 do que os que se disse existirem. Isto é que se chama faltar á verdade com desassombro.

Foi o caso que o coronel Sancho pernoitava no ponto citado com uma columna de 1:000 infantas e 150 cavallos e que, o brigadeiro carlista Gonzalez Boet, sabedor d'isso e por meio d'uma longa marcha, cercou-o pelo meio da noite, introduzindo na povoação apenas duas companhias, pois para uma surpresa basta pouca gente, as quaes foram encontrar o inimigo adormecido, e no meio da confu-

são que sempre produz este facto e do entorpecimento filho do somno, apoderaram-se de toda a força, que não lhes resistiu, e pereceram quasi toda, conseguindo apenas evadir-se uns cem infantas e quasi metade da cavallaria.

Da Catalunha não ha nada de novo, a não serem alguns promenores do revés soffrido por Martinez Campos nos arredores de Gerona, de que já falei, sendo verdadeiramente notavel que as forças vencedoras eram inferiores ás vencidas, o que irritou sobremaneira aquelle pundonoroso e bravo militar que attribue este e todos os contratempos que na guerra soffrem as armas liberaes ao facto de ter augmentado o entusiasmo dos carlistas ante o colapso de que a situação continúa sendo na sua essencia revolucionaria, e diminuindo o do exercito que não vê possibilidade de terminar dentro em pouco esta guerra, como esperava.

Do «Correio da Tarde»:
Madrid 11 de fevereiro.—As tropas liberaes acabam de soffrer a mais desastrosa derrota de que ha memoria—no dia 3, perderam 4 canhões Krupp, e avaliam-se os prisioneiros em perto de 3:000—O numero de feridos e mortos n'este dia, calcula-se de 6 a 7 mil—ao impeto dos batalhões navarros e alavezes a cuja frente e em primeira linha se achava Carlos VII, nada pôde resistir, D. Alfonso teve que fugir, por pouco que não cahe prisioneiro; officiaes do seu estado maior estão feridos de baioneta—foi um completo desastre. O brigadeiro Navascués foi prezo com todo o seu estado maior.

Agora corre autorizada a noticia de ter havido combate decisivo no monte Santa Barbara ficando completamente derrotado todo o exercito liberal, ferido o general em chefe Laserna, e que muitos canhões cahiram em poder dos carlistas.

Esta segunda parte não é ainda official; mas tem probabilidades de ser exacta, porque vem por conductos fidedignos. Pobre D. Alfonso, tanta bravata ao ir ao norte para soffrer tal ridiculo.

Aqui todos os liberaes estão desorientados; não sabem como encobrir tal desastre, nem como remedial-o.

Loma foi repellido em Guipuzcoa tendo que retirar-se a S. Sebastião.

Póde affoutamente publicar estas noticias, embora os jornaes liberaes d'ahi digam o que quizerem.

Pamplona acaso terá tempo de receber viveres para oito dias, e depois? voltará lá a soccorrel-a.

Ninguém pôde hoje duvidar do triunfo de Carlos VII.—O entusiasmo n'aquellas provincias e em Valencia, Aragão, Maestrazgo, e Catalunha, raia em delirio.

Dorregaray, em quanto acaba a organização dos seus 80 batalhões, já se fará sentir.

Catalunha está dominada completamente pelo heroico e nunca bem elogiado Savalls.

GAZETILHA

Villa Nova de Famalicão 15 de fevereiro.—[Correspondencia d'esta secção].—Não gosto de fazer accusações, e até sou de opinião que nem tudo se deve levar a rigor; mas quando vejo os abusos passarem além dos limites, julgo do meu dever não ficar silencioso, porque é de utilidade publica o lembrar á camara municipal qual é o codigo de posturas e qual a sua execução que tem tudo até hoje.

De que serve á camara legislar um codigo de posturas para depois não olhar mais para elle, nem fazel-o cumprir pelos seus zeladores?

De que serve estar o municipio a pagar 80 mil reis a dous zeladores para estes estarem, mais das vezes, occupados em serviços particulares?

Vejam os artigos do codigo de posturas, e em seguida perguntaremos qual tem sido a sua execução.

Diz-nos o artigo 115:

«Ninguém poderá occupar terreno publico, seja qual for o fim da occupação, sem previa licença da camara: todo aquelle que pertender occupar o mesmo terreno assim o requererá á camara, declarando o tempo porque o pretende occupar, pagando ao acto os metros quadrados de terreno publico que pretender, a razão de 400 reis mensaes por metro, durante todo o tempo que tiver a rua, praça, travessa ou viella obstruida.

§ unico. Se a occupação do terreno for dentro da villa ou suas immediações,

será este resguardado por um tapamento, que terá de altura 1^m,50 em toda a extensão occupada, sob pena de 2\$000 rs. de multa.»

Quando o snr. barão da Trovisqueira mandou edificar o predio na rua de Santo Antonio, teria licença da camara?

Pagaria, o dito snr. barão, os 100 rs. por cada metro de terreno que occupou durante a edificação do dito predio?

Resguardaria o terreno occupado, por um tapamento de 1^m,50 de altura?

A primeira e segunda interrogação espero obter resposta, ou sabel-o com certeza; em quanto á terceira posso já dizer que nunca existiu tapamento durante a edificação do predio!

Havia essa tolerancia, porque o snr. barão da Trovisqueira era presidente da camara?!

A lei deve ser igual para todos.

E que fizeram os taes zeladores da camara, vendo assim a rua quasi toda occupada com o material para a dita casa? Nada.

Muito bem, snrs. zeladores, muito bem. O povo que pague os 80 mil reis, e vv. fechem os olhos.

Diz-nos tambem o art. 109, n.º 2:

«Ficam sujeitos a pagar a multa de 500 reis os individuos que costumam collocar paos ao alto no campo da feira quando, depois de retirados, não taparem convenientemente os orificios onde os tinham introduzido.»

Poderá alguém dizer que esses orificios ficam tapados? Não, porque estão bem á vista de todos quantos li passam. E não pôde acontecer passar algum por aquelle logar em uma noite de escuro e metter uma perna n'um d'aquelles orificios? E se assim acontecer, de quem é a culpa? Da camara, porque não fez cumprir as obrigações aos zeladores.

Muitos mais artigos tinhamos para apon-tar, e que tem sido transgredidos, mas não quero, n'esta occasião, tomar mais espaço ao «Commercio do Minho».

Por ultimo, ainda direi: se assim tem de continuar a observancia do codigo de posturas, então é melhor rasgal-o ou queimal-o.

Vou hoje communicar aos leitores uma excellente acção praticada por uma senhora respeitavel.

Refiro-me á exc.^{ma} snr.^a D. Maria Rita da Costa e Sousa, esposa do ill.^{mo} snr. Francisco Ignacio de Sousa Tinoco. Esta virtuosa snr.^a não só tem prestado todo o auxilio á pobreza, como manda a Caridade Christã, mas acaba de legar á confraria do Sacramento, d'esta villa, a quantia de 2 contos e 300 mil reis em inscripções do valor nominal, para com o seu rendimento haver Lausperenne nos terceiros domingos de cada mez na igreja matriz d'esta villa.

Não me proponho elogiar a exc.^{ma} snr.^a D. Maria Rita da Costa e Sousa, porque acções d'esta natureza dispensam elogios.

Com as ultimas noticias de Hispanha já ninguém ouve as impertinencias dos republicanos d'aqui.

Por hoje nada mais.—K.
Lausperenne.—Expõe-se na sabba-do no convento das Theresinhas.

Grande lucta.—Por causa da eleição do alcaide e do defensor de menores de Montevideo travou-se alli no adro de uma grande luta, resultando morrerem 15 pessoas e ficarem feridas 30 e tantas, refere a «Justiça». Julgando os colorados que perderiam a eleição, atiraram-se de revólveres e facas em punho sobre os blancos e os principistas, occasionando uma carnificina horrivel. Logo á primeira descarga um dos primeiros que caiu morto foi o Dr. Lavand'iro, redactor da «Democracia», orgão do partido blanco. O governo fez por não confiar nas tropas. O panico na cidade era atterrador.

O tunel de S. Gottardo.—No fim de novembro do anno passado, no tunel de S. Gottardo, havia 1:551 metros perforados, do lado de Goschenem, e 1:257 pelo lado de Airolo. O revestimento da galeria achava-se porém só feito na extensão de 80 metros do primeiro extremo e 292 do outro. O conselho federal suizo declara que, no caso das obras não tomarem as proporções para terminarem no prazo convencionado, reserva-se fazer uso dos direitos, que, em semelhante caso, estão postos á disposição da auctoridade superior da republica helvetica.

Instrumentos agricolas.—Lê-se no «Cultivador»:

Mr. Lenief & C.^a não ha muito inventaram uma thesoura de pedal ou mola, por cujo meio, applicando-se o instrumento a

um ramo fóra do alcance do podador, cortava-o com facilidade carregado no pedal ou mola; e agora apresenta um novo instrumento de grande utilidade para colher, sem os molestas nem de leve, os fructos dos ramos superiores das arvores, e que todo o horticultor deve possuir.

E' á similhança do primeiro, divergindo d'este em ter dous arcos de ferro de forma oval servindo de tambor a dous bocados de caoutchou formando d'estas peças depois de unidas um bolso. O processo é simples. Carregando-se na mola na extremidade inferior da haste, as duas peças abrem, recebem o fructo e por meio da mesma mola tornam a fechar cortando o pé. D'este modo vem-nos á mão o mais delicado sem o menor defeito, porque a unica pressão que soffre é a do caoutchou ou borracha que pela sua grande elasticidade não o pôde prejudicar.

Acha-se á venda no estabelecimento de—*Lenief & C.^a, rue Ramey, impasse Perse, 3 et 4 Paris—Montmartre—*pelo preço de 8 francos.

O commercio fazia um bom serviço importando alguns instrumentos d'estes tanto dos que vimos de fallar, como dos que se empregam para a poda dos ramos superiores d'arvores fóra do alcance da mão.

Cautella.—Prevenimos todos os nossos amigos de que transitam n'esta cidade e immediações um ou mais individuos hispanhoes, que se dizem emigrados carlistas, e com este pretexto, ou com fins occultos, tem-se dirigido a algumas pessoas com cartas e relações de subscripções em que figuram nomes e assignaturas ficticias.

E' precisa toda a cautella com estes cavalheiros, provavelmente segundo tomou do barão da Patagonia e do tal coronel Villar.

Aviso.—No escriptorio das diligencias na rua nova n.º 3, acham-se alguns objectos deixados dentro dos carros e a guardar, que não tem sido procurados.

Avisa-se d'isto as pessoas a quem pertencem.

Beneficio.—Realisa-se no Domingo, no Theatro de S. Geraldo, o espectáculo em beneficio d'um estudante pobre, e que ha tempos annunciámos. Consta do drama do chorado poeta e prosador Almeida Braga, intitulado *Carlos*, e da comedia do sr. Aristides Abranches, *Mariquinhas, a leiteira*.

Espera-se grande enchente.

Appelo á caridade.—Uma familia distincta e cut'ora rica de bens de fortuna, composta de cinco pessoas sendo pae, mãe e tres innocentes creancias, encontra-se hoje a braços com a mais completa miseria. A favor d'esta infeliz familia, tão duramente provada pela Providencia, vimos hoje implorar a caridade de nossos assignantes e leitores, ficando desde este momento aberta uma subscripção n'esta redacção e em casa do sr. Manoel José Vieira da Rocha, rua do Souto.

Dinheiro recebido

Transporte 27\$100

Em casa do snr. M. José Vieira da Rocha:

Um anonimo A. do B. 4\$000
» » M. 500
» » Padre capellão 1\$000
29\$600

A' caridade.—Na rua do Charqueiro n.º 12 existe, em grande necessidade, uma snr.^a por nome D. Anna Augusta do Sacramento, viuva, velha, doente e alienada. Pede-se em nome da caridade ás pessoas bemfazejas a soccorram com uma esmola, pelo amor de Deus.

CONFERENCIAS NA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA.

Continuam todos os domingos conferencias aos socios da Associação Catholica, na casa da mesma.

Principiam ás 7 horas da tarde.

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA.

Por parte da Junta Directora da Associação Catholica d'esta cidade se faz publico que serão admitidos gratuitamente na Escola da Associação até vinte alum-

nos, filhos de paes pobres, embora não sejam socios.

Os que quizerem este beneficio para seus filhos requeiram quanto antes com attestado do respectivo parochio.

O secretario,

Jodo Antonio Velloso.

VARIETADES

Carta de Nicolau Simplicio a seu tio.

Cá recebi a cartinha
Que me fez favor mandar:
Estavamos a trincar,
O jantar já quasi em meio
Quando chegou o correio.

Pouco lhe posso dizer
Porque vou compor a mala
E estudar uma falla
Que tenho de recitar
Quando Affonso se c'roar:

E quero andar depressa
Porque tenho meu racio
Que demorando o passeio
Perca o tempo: e tarde vá,
Por não o encontrar lá.

Pois sabe que foi remedio
Que na sua afflicção
Procurou a revolução,
Em ancias, em agonias
Para dilatar seus dias:

Pois como o velho Saturno,
Outr'ora senhor dos céos,
Devorava os filhos seus;
Seguirá D. Affonsinho
D'Amadeu igual caminho.

Conhece que os liberaes
Não se importam com os reis;
Só á seita são fieis
E a seu pae Satanaez,
Com o qual vivem em paz.

Voltemos á vacca fria.
No Norte grande victoria!
Cobriram-se de gloria
Os descendentes do Cid!
Breve estarão em Madrid.

No pico de Santa Barbara
Houve grande trovoadá:
Levou tremenda pancada
O exercito affonsino;
Até tremer o menino!..

Disem que desmaiára
Por se ver quasi agarrado!
Que fôra logo lavado!
Que fugira até sem tino!
Coitadinho do menino!..

Tambem em Lorca-Lacar
Levaram para o tabaco
Os descendentes de Caco!
E tambem na Guipuscoa
Levaram uma sova boa.

Meu tio, invejo a sorte
D'aquelles bons hispanhoes.
São um punhado d'heroes,
Um rochedo inquebrantavel,
De valer insuperavel.

Contra os soldados de Carlos
Não ha valor que resista!
Contra a tropa realista
Nem Affonsos nem Serranos
Nem Bismarks nem Margalos.

Bem depressa verá Carlos
Na cidade de Madrid,
Qual outro joven David,
Prostrar de vez, n'um instante
O impio feroz gigante.

Por tudo isto já vê
Que muito devo correr;
Está a feira a desfazer.
Quero ver se arranjo luvás—
—Se pesco nas aguas turvas.

Logo que venha d'Hispanha,
Feito visconde ou barão,
Vou mudar d'habitação;
Pois esta minha morada
E' pequena — é acanhada.

Cá p'ra mim bem me servia,
Mas por causa das melénas
Das minhas pobres pequénas;
Pois num quarto ninguém mette
Arranjos de toilette.

Tome sentido, meu tio:
Pendurados nos estuques
Ha aqui desoito buques
Tres ferrinhos de frisar
Nove pentes d'alizar:

Uma bojudá canastra
Com cuias, tranças e crinas,
Isto só para as meninas,
—Agora sobre dous lotes
De pomadas quatro potes.

Pendurado no espelho
Duas grammas de retroz,
Um sacco com poz d'arroz;
De ganchos desoito maços
E de mil cores muitos laços.

Caixinhas cheias de fitas
Fivellas d' aço de cores;
E sobre dous bastidores,
(Santo Nome de Jesus!)
Dez ou doze torniús...

Faltava-me numerar
Seis botões, feitos de rede,
Enforeados na parede;
Por agora aposentados,
Para mais tarde guardados.

Veja lá o caro tio
Se tenho ou não rasão
De mudar d'habitação,
Ou d'alugar a alguém
Um extenso armazem.

Se estivesse nos meus trinta
Não dava o corpo ao martirio:
Isto passa de delirio.
Tanto luxo faz tremer
E muita casa perder.

Não sei que faça, meu tio...
Se as filhas como as mais
Se vestem, meus cabedães
Lá se vão. Se não se vestem
Todos comigo investem.

Disem que tenho vintem
E que não vivo com gosto;
Que dou ás filhas desgosto,
Que podia figurar
E respeitos grangear.

Eu entendo estes meninos
Na apparencia cavalheiros,
Mas velhacos e matreiros.
Está por nascer o bisnau
Para enganar

Nicolau.

15—2—75.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Tolice ou gracejo?

Rede-se a um parochio de Vieira, que escreveu um artigo no «Comercio do Minho», publicado em 2 do corrente, que nos faça o favor de dizer se algum dos epithetos, que pozemos por epigrafe d'este pedido, se ajusta ao seu escripto, e qual d'elles? E, se n'este pedido não formos attentidos, pedimos-lhe então o favor de ler o v. 23 do cap. 48 de S. João, e fazer a applicação na parte relativa á representação do clero de Villa Verde. E' que desejamos aprender de quem tanto tem lido, e não achamos, por emquanto, coisa capaz d'a-proveitar.

Sempre ha cada mania por esse mundo, que faz pasmar!!!

Villa Verde 7 de fevereiro de 1875.

Um ignorante d' historia contemporanea.

Amares 13 de fevereiro de 1875.

Snr. redactor

Para rebater falsas asserções, propaladas adrede pelo sr. Henrique José Fernandes de Jesus Bizarro, em o seu jornal n.º 307 de 9 do corrente, vimos pedir a v. algum espaço no mesmo jornal, e cons-cios de que a tal accederá, desde já lhe agradecemos.

Quando o senhor Bizarro pretendeu comprar as propriedades alludidas em sua desordenada e immethodica correspondencia, veio a esta casa informar-se se de futuro haveria questão sobre as mesmas. Foi-lhe respondido que sim, por isso que, louvados menos conscienciosos, não tractaram de separar o que era praso e bens livres!

Cego por desornada ambição, o sr. Bizarro, apesar de previamente dezillido, verificou a dita compra, e agora a pesar de haver herdeiro nomeado aos bens livres, tenta o sr. Bizarro envolvê-los com menos escrupulo, e chamar a tudo seu!

Receioso, porém, de, pelos meios judiciais, não poder levar a agua ao seu moinho, veio em pés de lã offerecer averiguação amigavel, mas no intuito de nada cumprir; e é por isso, que aproveitando-se da boa fé da familia d'esta casa, que bem o recebeu e a seus filhos, tratou de a invadir com 15 individuos, na maior parte impróbos, e de má catadura; olvidando assim sua palavra e promessa, e tudo o disposto nas leis.

A' vista, pois, de uma tão grave aggressão, o regedor da freguesia, sciente do occorrido, e que os assalariados vinham repletos de armas defezas, em virtude de sua attribuição, appareceu-lhes perguntando-lhes pela ordem que traziam para tal.

A esta pergunta, da attribuição da auctoridade, os filhos do sr. Bizarro, apitaram para reunir-se a falange, vagueante pela casa; mas todos como maos soldados, e feridos pelo remorso, pizeram-se em debandada, sem fazerem uso das facas que traziam á cinta, nas faixas, e das clabinas que os gabões incobriam!!! Este facto inaudito indignou toda a gente d'estes sitios, stigmatizando á porfia um tão negro bandalismo, só proprio da communa de Pariz!!

Fica, pois, o publico evidentemente orientado da verdade dos factos, e do modo e forma como o sr. Bizarro queria tomar posse d'aquillo a que chama seu, e que não é, na intelligencia de que não respondemos ás mais parvoices insertas na sua correspondencia, por nos não mover senão despreso; advertimos porém ao sr. Bizarro, que a imprensa não é maninho, aonde possa pastar qualquer pateta.

Antonio Ignacio de Macedo Portugal.

COMMERCIO

BOLSA DE BRAGA

15 de fevereiro de 1875

Effectuado

Banco Mercantil de Braga, 3\$200.
Banco de Chaves 3\$500.
Banco de Guimarães 4\$500.

Em 16 de fevereiro de 1875

Effectuado

Banco Mercantil de Braga 3\$000.
Banco Mercantil de Vianna 6\$000.
Banco de Guimarães 4\$500.
Escudos hispanhoes com o coupon do 2.º semestre de 74 16.50.

O director

Antonio Teixeira Barbosa.

SAÚDE A TODOS sem medicina purgantes nem despeços com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIÈRE

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

4 Qualquer doente acha por meio da deliciosa *Revalescière*, saúde, energia, appetite, boa digestão e bom somno. Cura as indigestões (dispepsia) gastricas, gastralgias, flegmas, arrotos, ventos, flatos, amargôr na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritação intestinal, diarreia, disenteria, collicas, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidades, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 75:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow e da ex.ª sr.ª marquezã de Bréhan, dos doutores Manuel Saens de Jejada da universidade de Cordova, etc. etc.

Adra, provincia de Almeria, (Hispanha), 10 de outubro de 1867.

Meus senhores:—Tenho a satisfação em fazer-lhe sciente que minha filha com o uso d'esta deliciosa farinha chamada *Re-*

valescière chocolatada, curou radicalmente de uma erupção cutanea, que lhe impedia dormir por causa da comição insupportavel que padecia.—De V. S.ª attento venerador, PERRIN DE LA HITTOLES, ao Viscondado de França.

Cura 78:421.

(Herpes)—Valença 14 de setembro de 1873.

Uma minha amiga que padecia havia muitos annos de Herpes, foi curada completamente com a *Revalescière*.—J. BATLORI, fabrica de massa, Praça de S. Catharina, 9.

Cura 56:936.

Barr (Baixo Reno) 4 de junho de 1862.

Senhor:—A *Revalescière* tem feito na minha pessoa uma mudança maravilhosa, tendo readquirido não sómente as minhas forças, mas tambem parecendo-me que estou completamente remozado, tornou-me o appetite, que desde muito tempo tinha perdido, e a oppressão e o pezo que padecia haviam já 40 annos, já não me atormentam.

DAVID RUFF, proprietario.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400 reis, e de 12 kilos, 12\$000 reis.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière* chocolatada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.ª—Place Vendôme, 26, Pariz; 77 Regent-Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Barbara 77; de Sequeira; J. Pinto; Desfré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal. Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povoas do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Affonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

ESPECTACULOS

THEATRO DE S. GERALDO

Domingo 21 de fevereiro

Em beneficio d'um estudante pobre

O drama em 4 actos, original do fallecido escriptor

Almeida Braga

CARLOS.

A comedia em 1 acto

Mariquinhas, a leiteira

Principia ás 8 horas.

ANNUNCIOS

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)

